

## Quando eu for humano: A Desumanização Do Negro Nas Animações. <sup>1</sup>

Denizard Custódio <sup>2</sup>

Laura Oliveira<sup>3</sup>

Francisco Valle<sup>4</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ

### Resumo

O intuito desse artigo é explorar a desumanização do corpo negro e não brancos nas animações de cinema. Fazendo uma crítica estética ao racismo no cinema de animação, pretendemos demonstrar os exemplos da desumanização, que apresenta resultados problemáticos na democratização da comunicação e da indústria cultural, além de prejudicar a sociedade consumidora. Após categorizamos os diferentes tipos de desumanização, analisamos principalmente três filmes emblemáticos que reproduzem o problema tratado: *A Nova Onda do Imperador* (2000); *A Princesa e o Sapo* (2009) e *Um Espião Animal* (2020); Conjuntamente, porém de forma secundária estudamos também *Moana* (2016) e *O Caminho para El Dorado* (2000).

### Palavras-chave

Cinema; Desumanização; Estética do Racismo; Racismo no cinema; Cinema de Animação

### Introdução

A busca por formas da reprodução do racismo em animações é nossa tentativa de seguir o conselho de Franz Fanon (2012, p.278) afirmando que: “É preciso procurar incansavelmente as repercussões do racismo em todos os níveis de sociabilidade”.

Escolhemos as obras infantis pois essas produções são consideradas como influenciadoras do imaginário infantil, tornando-se um veneno mental devido a presença de um racismo estético padronizado. Os filmes utilizados para análise neste artigo, são animações de cinema com protagonismo negro e todas, sem exceção se mostraram racistas seguindo um padrão estético que animaliza o corpo negro.

Através de serviços de streaming, assistimos e analisamos animações de cinema com o protagonismo negro, elas foram escolhidas por serem “famosas” nos seus respectivos estúdios de animação, Disney, Blue Sky e DreamWorks. Após assistirmos os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º em Filosofia na UFRRJ, e-mail: denizard79@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º em Comunicação na UFRRJ, e-mail: laurarosadeoliveirar@hotmail.com

filmes, estabelecemos a partir de autores especialistas no tema racismo, metáforas utilizadas para desumanizar os personagens não brancos e encontramos os mesmos traços de racismo presente neles.

As animações visam o público infanto-juvenil ou o “pequeno adulto” como definem Dorfman e Mattelart (2011). Eugenio Bucci (2004, p.160) quando lista os sete pecados do Jornalismo, comenta sobre o sexto: “Esse pecado não é da imprensa, mas da cultura”. Segundo Bucci, o jornalismo sozinho não seria responsável por tal pecado, e ele só perpetuaria por causa da produção cultural. É o mesmo caso do racismo invisível a olho nu presente na indústria cultural contemporânea, que certamente é absorvido e por estar em um desenho infantil, e normalizado pelas crianças que assistem a esses filmes.

Dorfman e Mattelart (2011) discutem o medo que a mídia sente de criticar o “Maravilhoso mundo da Disney”. Por ser tecnicamente a empresa do politicamente correto, já que define o correto por meio de sua utopia de contos de fadas onde todos são felizes para sempre. Quando a mídia se opõe contra uma ideologia pregada contra um estúdio de animação infantil é como se fosse contra os princípios básicos da família e da boa conduta. Francisco Rüdiger (2010 p.137) afirma que a postura de considerar que atingimos uma democratização por meio de comunicação é um embuste, pois os meios são ordenados com “finalidades capitalísticas”, e de fato, a democratização da comunicação demanda representatividade. E essa representatividade é deturpada quando temos os personagens negros com algum protagonismo, sendo desumanizados. Podemos atribuir parte disso a elite branca, que tem o domínio da tradição e os meios de produção da mídia para reproduzir o racismo também em suas animações.

Ao que parece, existe uma desumanização dos personagens negros nos longas-metragens animados, que consiste e insiste em deixar os negros sem seus corpos humanos. E para entender essa desumanização, precisamos voltar a infância. A fabula é um gênero textual que se utiliza de animais com características humanas, e geralmente passam uma lição de moral, estando muito presentes no imaginário infantil, estão também no cinema. Sobre isso, é necessário lembrar dos apontamentos de Mbembe afirmando como a colonização se utiliza de efabulações, presentes em discursos e práticas que tem por “objetivo de fazer acontecer o Negro enquanto sujeito de raça e exterioridade selvagem, passível, a tal respeito, de desqualificação moral e de instrumentalização prática” (MBEMBE, 2014, p.58). Vale lembrar que raça era uma categoria biológica, dada só a animais. Achile Mbembe (2014, p.29) ainda indica ainda que: “As características

principais desta relação imaginária estão ainda longe de ser esclarecidas”, e esse artigo tenta traçar repercussões cinematográficas dessa efabulação do povo negro.

### **Quem é esse negro?**

A categoria negro ou não branco será composta e definida abrangentemente, já que só não englobará os brancos, isto é, juntamos os não brancos em uma única unidade. Certamente há uma imensa problemática em juntar tantos grupos diversos entre si, mas faremos isso com propósito de reduzir para melhor analisar. No Brasil, há anos já são considerados negros os pardos, como aponta Fatima Oliveira (2004, p.58). E ampliando essa mesma lógica e nos utilizando da categoria de amefricanidade de Lélia Gonzalez (1988, p.77), uniremos a população negra e indígena como um só grupo, em contraposição ao branco. A escolha do termo “negro” se deu por conta de que na época colonial portuguesa, os indígenas eram chamados de “negros da terra”.

### **A animalização e o humanismo**

Fanon em suas obras, afirma diversas vezes que o colonizado “era considerado e tratado pelo colono como um animal” (FANON,1968, p. P114). E aponta, uma lógica colonialista, que

[...] desumaniza o colonizado. A rigor, animaliza-o. E, de fato, a linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica. Faz alusão aos movimentos répteis [...], às emanções da cidade indígena, às hordas, ao fedor[...] O colono, quando quer descrever bem e encontrar a palavra exata, recorre constantemente ao bestiário. (Fanon,1968, p.31)

No famoso prefácio de Sartre (1968, p.4) ao livro de Fanon, ele nos diz que após a repressão e supressão colonial, “as vozes amarelas e negras” se levantavam para falar “do nosso humanismo, mas para censurar a nossa desumanidade”. Seguindo essa trilha, vamos primeiro definir o pretense humanismo europeu para depois chegarmos na definição de desumanização. O humanismo é uma doutrina extensa, que se estende por vários séculos, por isso, ganhou e ganha novas definições com o passar do tempo. Mas basicamente, segundo Mendes (1995, p.795) “O conceito de humanismo inscreve-se em três dimensões”, que consistem basicamente em: “A característica que define o homem como homem; O vínculo que une um homem a outro homem e a todos os homens [...]; O que forma, educa e instrui o homem enquanto homem”.

E o humanismo, define o humano geralmente nos moldes da diferenciação (e superioridade) do humano dentre os outros animais, sendo antropocêntrico. A justificativa

comumente usada é a razão, característica tida como unicamente humana, geralmente associada com a primeira justificativa. Essa razão, idealmente, segundo a configuração iluminista seria comum a todos os humanos, que seriam iguais, ou seja, possuem humanidade (segunda justificativa). E por último, por serem racionais conseguem produzir cultura, e passá-la adiante para outras gerações e outros povos humanos. A desumanização, a rigor, seria o processo de não atribuição desses três pilares para outros grupos humanos, ou seja, a negação da humanidade do outro. Ela se dá de várias maneiras.

E um modo que nos é pertinente, é a desumanização pela via da animalização do outro. Vale distinguir que a antropomorfização ou personificação consiste em dar características humanas aos animais; e por sua vez, a zoomorfização ou animalização consiste em ver e descrever humanos como animais. Assim, a desumanização animalizada é reduzir o outro a um animal, negando sua humanidade. E pode ser observada claramente em dois momentos históricos: A construção da associação dos judeus com ratos, na Alemanha Nazista<sup>4</sup> e a associação de negros a animais, durante toda história moderna do Ocidente.

Aqui exploraremos as consequências do segundo caso. E as associações são construídas e mantidas com propósito e intenção, como aponta Simone Silva sobre o caso do negro, o situando especificamente no caso brasileiro:

A desumanização do negro não foi um acaso, mas uma consequência perversa das questões econômicas, políticas e culturais em jogo naquele momento e *que de certo modo permanecem até nossos dias*, visto que o negro, via de regra, continua a ser marginalizado econômica e socialmente, além ainda de estar sob uma sujeição cultural em nossa sociedade [...] *Assim, o negro africano foi classificado como pertencente a uma raça inferior, destinada à função de servir como escravo.* (SILVA, 2011, p. 74, grifo nosso)

A autora sintetiza bem o problema em questão, como podemos ver em outro texto:

*O negro, tornado escravo, foi coisificado e desumanizado.* O europeu se auto-outorgou à missão civilizadora e subtraiu dos povos “colonizados” sua história, cultura e identidade. Milhares morreram nas guerras de captura na própria África, outros milhares na insalubre travessia do Oceano Atlântico para que, por fim, milhões de outros negros africanos viessem a formar a fortuna dos conquistadores[...] (SILVA, 2014, p.18, grifo nosso)

Assim, o europeu trajando seu humanismo, que ele próprio criou, oprime o “outro”, ou seja, o bárbaro, aquele que não tem cultura e parece não raciocinar, portanto

---

<sup>4</sup> Para saber mais sobre a desumanização dos judeus e sua repercussão em uma mídia, conferir: CAETANO, Rafaela, A. P. *A desumanização do inimigo e seus reflexos em Maus*. NAMID/UFPA. *Temática*. Ano XII, n. 10. Outubro/2016.

não é humano. Mendes (1995, p.792) faz o apontamento que desde a definição do termo, os humanistas já “contrapõe o homo humanus [...] ao homo barbarus, na medida em que este não possui formação, ‘cultura’ e instrução, não sendo, por conseguinte, humanus”. A desumanização desse “outro”, o negro, se dá por muitas formas, como veremos.

### **Metáforas de desumanização**

A literatura oficial ou anedótica criou tantas histórias de pretos, que não podemos mais ignorá-las. Porém, ao reuni-las, não se avança na verdadeira tarefa, que é mostrar seu mecanismo. O essencial para nós não é acumular fatos, comportamentos, mas encontrar o seu sentido (FANON, 2008, p.145)

Entenderemos as formas de como essa desqualificação do humano negro se constroem em animações, entendendo-as como metáforas desumanizantes. As animações aqui serão analisadas como uma narrativa, e como defende José Pereira, criador do termo “metáforas de desumanização”, elas são boas como categoria de análise pois:

Essas figuras de linguagem podem fornecer auxílio e suporte interpretativo ao investigarmos as personagens e seus papéis dentro da narrativa. Por conta disso, a partir desse momento *estudaremos a degradação da pessoa humana segundo a abordagem das metáforas e suas implicações dentro da narrativa*. Para organização de critério, elas passam a ser chamadas de metáforas da desumanização. (PEREIRA,2019, p. 1005, grifo nosso)

Apesar de analisar apenas uma obra literária, José Pereira ressalta três metáforas que servem para as narrativas em geral, entre elas, as animações. Funcionam como um estereótipo, um perfil que se aplica a todo personagem não branco presente nelas. E é relevante para a análise pois demonstra como estereótipos são desumanizadores, posição defendida também por Collins (2016, p.103) que declara: “os grupos são estereotipados, embora de maneiras diferentes, a função da imagem é a de desumanizar e controlar ambos”. Os grupos a qual Collins se referem são outros (a saber: a mulher branca e a negra), mas aqui poderíamos entender como sendo o indígena e o negro, pois apesar de sofrerem de maneira diferente os estigmas<sup>5</sup>, ambos são desumanizados.

A primeira metáfora, é a visão do colonizado, ou seja, o não branco como a “figura do animal”. Por mais que tenha sido a primeira observada no livro analisado por José, é a primeira também nas animações, no sentido de maior ocorrência. Assim, a desumanização animalizada, que consiste basicamente em representar, tornar ou transformar o corpo negro em/como um animal ou com características animais. Essa

---

<sup>5</sup> As vezes os mesmos, outras vezes não.

definição se torna literal em alguns filmes da Disney, tais como *A Nova Onda do Imperador* (2000), *Irmão Urso* (2003) e até mesmo no aclamado *A Princesa e o Sapo* (2009). Sendo todos filmes em que os personagens não brancos literalmente se tornam animais completos, sendo diferentes dos “verdadeiros” animais apenas por falar ou lembrar de serem humanos.

Mas a animalização tem graus, ela também pode dar apenas algumas características animais ao personagem. São conhecidas as representações de personagens negros com lábios grandes e vermelhos, nariz grande, cabelos representados de algum modo cômico, pele absurdamente escura, expressões faciais estranhas e traços brutos tanto corporais quanto faciais. E a esse respeito

Cabe ressaltar, o desenvolvimento da modernidade/colonialidade, construiu estigmas de inferioridade coladas à aparência negra, destacando determinadas partes do corpo negro como símbolos de estigma. Não por acaso, todos esses localizados na cabeça: boca, nariz, cabelo, considerados feios e ruins, comparados com feições de animais, promovendo humilhações que visam desumanizar o negro e seus modos culturais. (SILVA, 2016, p.469 – 470, grifo nosso)

A título de exemplo, observemos o caso do excessivamente corpulento e de traços faciais grossos, semideus Maui, do filme *Moana* (2016). O design de seu corpo desagradou tanto que os críticos, que chegaram a compará-lo com a mistura de um porco e um hipopótamo<sup>6</sup>. E é curioso que ele tenha a habilidade de assumir a forma de animais, mas não tenha muito controle sobre ela, ou seja, mesmo quando a animalização é um poder, não se consegue utilizar. Mas por outro lado, o inverso também parece ser possível, isto é, dar características culturais de grupos negros a animais, como a representação estereotipada e racista dos corvos em *Dumbo* (1941) ou o crocodilo Luis, tocador de trompete e fã de Luis Armstrong de *A Princesa e o Sapo* (2009)<sup>7</sup>. E ainda de acordo com Pereira (2019, p.1005), há também as representações “sob a forma das correntes e a escassez de comida” para demonstrar que para o “colonizador, o mesmo não passava de um animal, ou talvez até pior do que isso”. Nos filmes supracitados encontramos algumas cenas que remetem a cordas e a imobilização, como comentaremos mais à frente.

---

<sup>6</sup> A situação é bastante complexa e delicada, envolvendo estereótipos do povo polinésio como obeso, ou a própria gordofobia; e o contraponto de que o personagem foi criado para ser cômico, daí o design diferente dos heróis convencionais. Para saber mais, cf.: OBSERVADOR. Maui: o próximo herói da Disney é gordo. E as críticas ganharam volume. Cultura. 2016. Disponível em: <<https://observador.pt/2016/06/27/maui-o-proximo-heroi-da-disney-e-gordo-e-as-criticas-ganharam-volume/>>. Acesso em: 20/08/20.

<sup>7</sup> Isso não parece ser um problema quando a proposta do filme é humanizar animais, copiando as fábulas.

A segunda metáfora é a figura da cabeça baixa, símbolo da escravidão, mostrando o que significava ser escravo. Para Pereira (2019, p.1005-1006) o colonizado de cabeça baixa representava a submissão. Mas há outra variante, a imagem do negro feliz em servir, que podemos notar em Fanon (2008, p.59): o negro que traz os baús de outros “com um grande sorriso”. Independente das evoluções dos modos de vida de tais negros, “na tela dos cinemas, mantém-se intacta sua essência negra, sua ‘natureza’ negra: Sempre servidor sempre obsequioso e sorridente”, desse mal, parece-nos que atualmente é o indígena que mais padece. É relevante estudarmos a culpa de tais “retratos”, na simplificação de tais populações, pois segundo Fanon (2008, p.146) quando ficamos presos a imagens, não enxergamos o real. E não é à toa que hoje ainda há pessoas que não conseguem entender os indígenas nas cidades e não numa floresta com arco e tangas, duvidando até da veracidade do sujeito, dizendo que eles não são “indígenas de verdade”.

Porém, Pereira (2019, p. 1001) também nota “o sentido da metáfora mercadoria humana”. Mbembe (2014, p.12) afirma que “os homens e mulheres originários de África foram transformados em homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda” e o termo tem uma “dupla dimensão metamórfica e econômica” (MBEMBE,2014, p.78). Não suficiente, Fanon (2008, p.170) também nos alerta sobre os “homens-máquinas-animais” e de como eles estavam distantes da “posição suprema de homens”. Explorados para produzir riquezas, ou tendo suas riquezas<sup>8</sup> usurpadas por europeus, os colonizados tiveram sua existência reduzida a um objeto. No cinema, temos uma representação análoga a essa com os nativos do filme *O Caminho para El Dorado*(2000). Todos da cidade nativa têm como característica marcante os brincos de ouro imensos, quando não estão usando outros adereços dourados, ou seja, são homens moedas literalmente. Na maior parte do filme, os protagonistas só veem valor neles pelo ouro que conseguiriam. Há uma cena onde Cortés, o arauto da colonização, escraviza o nativo para ele chegar ao ouro. Além disso, o filme trata os nativos como ingênuos, revivendo o mito do bom selvagem, e não suficiente também representa os dois chefes da cidade felizes em servir, com um sorriso no rosto mesmo caso sejam contrariados.

Por fim, Ana Silva (2010, p.38) ao retornar à “associação das ilustrações dos personagens negros a animais”, nota ainda um quarto tipo de desumanização, “caracterizada pelas ausências de nomes próprios, de constelação familiar”. Fanon cita um poema de Césaire que ilustra bem a situação: “Meu nome: ofensivo; meu prenome:

---

<sup>8</sup> A riqueza ou o bem material varia de acordo com os interesses: ouro e minérios, terras vastas e férteis, especiarias...

humilhado; meu estado: revoltado; minha idade: a idade da pedra.” (CÉSAIRE *apud* FANON, 1968, p.66).

### **A nova jornada do Herói versão racista.**

Os desenhos geralmente representam um mundo perfeito no imaginário das crianças, quase uma utopia. Mas se na utopia os personagens negros são animalizados, temos um imenso problema. E estas são algumas características gritantes e frequentes observadas nos protagonistas não brancos da Disney, DreamWorks e da Blue Sky Estúdios, mas que se aplicam a animações em geral, pois a fórmula parece se repetir na indústria cinematográfica animada. Como se fosse o mesmo que jornada do herói é para os filmes de aventura, só que essa é para os filmes “animadamente” racistas.

Quando em uma obra midiática, o homem branco transforma-se em animal, ele não é inteiro desumanizado. Exemplo bastante “claro” disso é o Homem Aranha<sup>9</sup>. Ele não perde seu corpo humano e pode retirar a fantasia. Como vimos, quando é no corpo negro, só ocorre como exceção à regra. E uma das exceções é o Homem Aranha de Miles Morales, e ao que parece, somente é exceção porque é inspirada no “Spider Man” branco.

Segundo Dorfman e Attelart (2011 p.16): “Os personagens são tipos humanos cotidianos, que se encontram em todas as classes países e épocas. É possível, por isso, uma transferência de fundo moral: a criança aprende o aminho ético e estético adequado”. Assim, os personagens das animações infantis costumam seguir um padrão devido ao seu público pré-estabelecido, ensinando as crianças a se formarem e se comportarem como bons indivíduos na sociedade. Aparentemente, esse ensinamento muda quando a cor da pele muda. Pois a desumanização é usada enquanto um “controle moral”. Vejamos:

*A princesa e o Sapo (2009)* foi um filme inovador pois introduziu a primeira princesa da Disney negra, Tiana. Ela e seu par, o Príncipe Naveen passam a maior parte do filme transformados em sapos, mas claro que com uma ótima justificativa: Tiana beijou um sapo falante, e ao invés de ocorrer o que as histórias sempre contam, do sapo virar príncipe, ela se tornou uma sapa. Naveen é representado como um príncipe esnobe, que foge de responsabilidade para curtir a vida, mas que se desencanta quando seus pais cortam seu dinheiro. E só receberia de volta o dinheiro caso se casasse ou começa-se a trabalhar. Ao contrário dos príncipes brancos da Disney, que desbravam o mundo por sua

---

<sup>9</sup> Ou o Batman, mas como não tem poderes, não se aplica muito. Mas o herói não tem a mesma sorte que o vilão Morcego Humano, ou Langstrom, que tem aparência permanente de morcego. Indicando o uso da desumanização como mecanismo de valorização moral maniqueísta: bons humanos, animais malvados.



amada; que são doces e gentis; e ainda tem um cavalo, o príncipe Naveen tem necessidades econômicas e é arrogante e imodesto com seu servo Lawrence (que é branco). Desesperado para não ter que lidar com suas responsabilidades, o príncipe conhece Dr. Facilier, um excelente exemplo do “negro mágico” definido por Vascounto(2015)<sup>10</sup>. Ele é um bruxo que com a ajuda de seus “amigos do outro lado” e voodoo, transforma Lawrence no príncipe e o príncipe em um sapo<sup>11</sup>. Tiana *sem sobrenome*, ao contrário do conto original, não é princesa, e sim uma pobre garçonne. Quando os dois se beijam na tentativa de quebrar o feitiço, Tiana também vira sapo e temos não só um, mas os dois protagonistas negros do filme animalizados. Após isso, conhecemos um crocodilo chamado Louis, que curiosamente toca trompete.

Em *Um espião animal*, Lance Sterling é o maior e melhor espião do mundo, e é bom notar que diferente de Tiana, ele tem sobrenome, e todos o conhecem por ele. É um negro confiante, vaidoso e bonito, só peca em não gostar de trabalhar em grupo, logo é caracterizado como egoísta. Assim que começa o filme, tem seus instrumentos de trabalho trocados pelo cientista branco, (que é esnobado por Sterling) Walter, que os troca sem permissão. O espião é incriminado por roubo, então decide ir atrás de Walter, pois o cientista havia dito ter um disfarce que o faria desaparecer. A poção de transformação é tomada inconscientemente por Starling que assim que começa a sentir os efeitos da transformação tenta cuspir, mas o cientista o impede, querendo ver se seu experimento iria dar certo, tratando Lance como uma cobaia. Após isso, Sterling é manipulado por Walter pra achar que foi animalizado por sua própria culpa, assim como todos os telespectadores. Durante o filme Walter começa a perceber um pouco a sua culpa no processo. Por fim, há ainda uma cena nefasta em que durante um combate de Sterling transformado em pombo tem seu ânus cutucado por seu inimigo, tendo seu corpo violado, lembrando, o filme é destinado ao público infantil.

Já *A nova onda do imperador* (2000) conta a narrativa de um imperador, chamado Kuzco, e ele é curiosamente vaidoso e arrogante igualmente a Lance e Naveen, além de egoísta e mimado. Ele é transformado em lhama por sua conselheira, em um golpe de estado. E no início do filme se encontra perdido “em algum lugar da floresta profunda”, ou seja, sem civilização. O filme até avisa que não acreditaríamos, que a lhama já foi um ser humano, não um ser humano qualquer, mas sim um imperador rico e importante. Mas

---

<sup>10</sup> Para mais informações: VASCOUTO, Lara. 4 Estereótipos Racistas que Hollywood Precisa Parar de Usar. Nó de Oito. 2015. Disponível em:< <http://nodeoito.com/estereotipos-racistas-hollywood/>>

<sup>11</sup> Ou seja, o branco é transformado, mas mantém sua humanidade. Por outro lado, o negro...

o filme jamais diz onde se encontra esse império. Durante a jornada de Kuzco, vemos uma selva perigosa, que se impõe aos nativos. Ilustrando essa relação de impotência do nativo contra a floresta há uma cena parodiando Tarzan no cipó tendo até o grito, mas nesta os personagens caem e ficam amarrados pelos cipós ficando piores do que estavam. Após isso, Kuzco-lhama se afoga, e sobra para Pacha fazer respiração boca a boca no animal, que é chamado de beijo após isso. Ao longo do filme vemos animais bem exóticos, pessoas que se comunicam com animais (Kronk) e o estereótipo do bom selvagem ingênuo retorna.

Por fim, recordemos que uma das formas de desumanização é a forma de representar uma domesticação do “animal”, que está preso. A título de exemplo, em *A Princesa e o Sapo*, o sapo que é o príncipe Naveen deve ser mantido preso para que possa ter extraído o seu sangue, afim de que seu empregado possa manter o disfarce de príncipe (perceber a substituição é crucial). O mesmo ocorre com o agente Lance no filme *Espião animal*. Apesar de uma ave não doméstica, ele foi mantido trancado na casa do cientista Walter, como um animal doméstico. E na *Nova Onda do Imperador* o mesmo acontece com o Kuzco. A questão da “domesticação” do não branco, sendo tratado como um animal cuja a função é servir para algo é extremamente problemática. Nos filmes, o sapo serviria para manter o branco como príncipe e no outro, o pombo serviria para alçar o cientista branco na carreira. Os negros figuram como objetos ou moedas. E retomando problemática da substituição, tanto em *Um espião animal* quanto *A princesa e o sapo*, os negros que aparecem como “superiores”, ou seja, príncipes ou o melhor espião do mundo, e acabam sendo substituídos ou superados<sup>12</sup> pelos vilões, como um objeto pode ser facilmente imitado ou substituído e quase ninguém percebe.

No clássico *A dama e o vagabundo* (1995), uma das cenas mais famosas desse filme é quando os personagens dividem um prato de macarrão e acabam se beijando lindamente. Como essa cena foi bem elogiada e repercutida, era de se esperar a Disney repetir a mesma cena em outra animação romântica, como *A Princesa e o Sapo*. Porém, a cena é feita de forma repugnante, pois quando ambos tentam pegar uma mosca (considerado um inseto sujo) se enroscam com as línguas e não se beijam de fato. Há uma diferença gritante aqui, quando dois cachorros (que são realmente animais) britânicos romanticamente comem uma refeição e em outro, um casal de sapos da “realeza” sequer

---

<sup>12</sup> A questão da superação nos filmes é vital para o andamento da narrativa, como se sabe. Mas é a única forma de desenvolver uma narrativa?

conseguem comer. Em *Um Espião Animal*, a cena relacionada a alimentação é ainda mais repugnante, mesmo parodiando a consagrada cena. O personagem negro transformado em pombo, é levado “instintivamente” a comer lixo, mesmo repudiando a ideia, e o filme se alonga na cena, se deliciando com a degradação do personagem. É curioso notar que a cena da alimentação é dispensada e inexistente em muitos filmes, inclusive nesses, sem ser nesses momentos.

A punição em forma animalização de personagens seguros de si, como no caso de Lance Sterling, que não é egocêntrico é como se indicasse que o negro não pode se sentir confiante por si mesmo. Quanto aos egocêntricos, as punições parecem “adequadas” do ponto de vista da “ética estabelecida”; mas os personagens brancos com a mesma postura, sofrem punições, ao que parece, por escolha. Sendo o maior exemplo disso Gaston, que morre por descuido quando escolheu matar a Fera. O filme *A Bela e a Fera* (1991) é útil para demonstrar uma última dimensão da desumanização animalizada, a forma moralizante. Mesmo sendo branco, o “Príncipe”, que não tem nome é punido sendo transformado em fera por ter destratado uma feiticeira; reproduzindo dois tipos de desumanização. A moralidade como definidor de humanidade relembra a discussão teológica se os negros e indígenas tem alma, discutida por Giuseppe Marcocci (2011).

Então, a animalização se apresenta como forma de controle moral, isto é, negros não podem ser confiantes ou portadores de autoridade como rei ou simplesmente melhor que o branco em algo. São representados comendo comidas degradantes ou beijando animais, que é sempre repulsivo ou desconfortável para os envolvidos; talvez a graça venha disso. E também “acabam” ficando presos, limitados geograficamente.

Por fim, devemos explicitar primeiramente que todos os personagens repudiavam o animal que se tornaram, seja por acharem nojentos ou feios ou passaram a repudiar<sup>13</sup>.

### **Conclusão ou Consequências**

Teorizando sobre o que manteria esse racismo televisionado, Bucci (2004) caracteriza a imprensa como submissa, pois não denuncia o envenenamento mental o suficiente para gerar uma conscientização. Seja nos pais, que deixam um produto social carregado de racismo velado ser consumido por seus filhos, seja para alertar os produtores e consumidores de tais obras. Como se a mídia não quisesse parecer “antipática”, como diz o autor. Mas se o jornalismo é o maior detentor de informações, cabe a

---

<sup>13</sup> Com exceção de Maui, mas por se transformar com escolha, nem mesmo chega a ser uma exceção.

conscientização da população sobre esse racismo presente na indústria cultural denunciado neste estudo.

Ademais, como nos lembra o cineasta Glauber Rocha (2008): “O cinema é a principal arma ilusionista do colonizador”. Apesar de ter dito há décadas, ainda é vigente.

A principal das consequências é a normalização do racismo e da ideologia de superioridade, que agora apresentada de forma sutil ainda perpetua a mesma lógica do humanismo, de humanos (brancos) superiores a animais que embasou a escravidão. O que é muito preocupante, visto que o público desses filmes são as crianças, e elas tendem a reproduzir a mensagem que lhe é passada. E pior, como alerta Fanon (2008, p.135), os negros podem ser levados a reproduzir tais estereótipos porque absorvem isso culturalmente. Reabastecendo o ciclo vicioso do mundo capitalista contemporâneo, que não ocasionalmente foi erguido graças as bases modernas da escravatura.

Por fim, analisando o perfil comportamental dos personagens principais das animações, chegamos à conclusão de que todos os negros são retratados da mesma forma, isto é, não merecedores de poder. É como se quando um determinado indivíduo não branco recebe uma posição superior, seja como melhor espião, como príncipe ou imperador, o poder sobe à cabeça e ele começa a se comportar como uma pessoa arrogante. Esse estereótipo é apontado também por Thalita Ludovico (2018), que chama de “síndrome da nega metida”. Consideramos essas representações racistas porque em todos os filmes pesquisados, o personagem negro é retratado como arrogante e transformado em animal devido ao seu “mal comportamento” frente ao uso de sua “superioridade” legítima. E reiteramos que devido ao excessivo número desses casos, demos o nome de “Jornada do Herói versão racista”, pois o amadurecimento com um determinado personagem em forma de uma “punição” por seus maus atos é comum e talvez até necessário para ser apresentado para as crianças, porém desumanizar todos os personagens negros que possuem papel de destaque nas animações de cinema, não é normal, é racismo. Assim, por meio dessas representações a desumanização animalizada exerce um controle moral, e conseqüentemente social, ditando o que podem sentir ou não, usando da animalização como forma punitiva.

O refrão “*quando eu for humano*” da música do filme *A Princesa e o Sapo* acaba ressaltando e resumindo todo o problema da desumanização. A canção impõe a meta de voltarem a ser humanos, denotando um sentimento de falta, necessitando chegar em algum lugar, como se naquele momento eles não fossem nada, e eles só atingirão suas

metas e sonhos quando forem humanos novamente. Ou seja, submetidos a lógica colonial escravagista que os transformou em coisas, os protagonistas tentam recuperar sua humanidade para voltarem a ter liberdade suficiente para ter “o poder” de viver suas vidas. Posição semelhantes aos protagonistas dos três filmes analisados amiúde neste estudo. Essa é a distopia do mundo *disneylandizado*, que pode parecer uma utopia ao primeiro olhar desatento, mas que se revela tão devastador quanto o próprio sistema colonial, racista e capitalista, porém extremamente mais sutil e encantador, um exímio ilusionista.

### **Referências bibliográficas**

CAETANO, Rafaela, A. P. A desumanização do inimigo e seus reflexos em Maus. NAMID/UFPB. Temática. Ano XII, n. 10. Outubro/2016.

COLLINS, Patrica, H. Aprendendo com a outsider within\*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

MENDES, João, Pedro. Considerações Sobre Humanismo. Universidade de Brasília. Humanitas. Vol. XLVII. 1995.

MBEMBE Achille. Crítica da Razão Negra. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

PEREIRA, José, G. Uma análise sobre as categorias de desumanização do sujeito entre as personagens negras na obra Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. Revista Estudos Linguísticos, v. 48, n. 2, p. 994-1011, jul. 2019.

SILVA, Simone, R. A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola. Revista NERA. Presidente Prudente. Ano 14, nº. 19, pp. 73-89. Jul-dez./2011.

SILVA, Simone, R. Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. Em: LOMBA, Roni; RANGEL, Katia; SILVA, Geovane; SILVA, Marcelo. Conflito, territorialidade e desenvolvimento: algumas reflexões sobre o campo amapaense. Editora. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

VASCOUTO, Lara. 4 Estereótipos Racistas que Hollywood Precisa Parar de Usar. Nó de Oito. 2015. Disponível em:< <http://nodeoito.com/estereotipos-racistas-hollywood/>>. Acesso:20/08/20.

OLIVEIRA, Fatima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. Estudos Avançados. 18 (50), 2004.

GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/ 93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

ROCHA, Glauber. Autocrítica de um Condenado da Terra. Tradução de Anita Leandro. Revista Cidade Sol. 2008. Disponível em:< <http://revistacidadesol.blogspot.com/2008/09/autocritica-de-um-condenado-da-terra.html>>

FANON, Franz. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira. 1968.

FANON, Frantz. Pele negra mascaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, F. “Racismo e cultura”. Em: M. Sanches, (org.), Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lugar da História. Lisboa, Edições 70, 2012.

SANTANA, Paulo H B; RODRIGUES, Rodrigo S. O Negro no Oscar 2017: uma análise sobre representatividade nos filmes Fences e Moonlight. XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. INTERCOM, 2017.

SILVA, Ana, Celia. Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático. UDUFBA. 2º ed. 2010.

SILVA, Célia, R, R. BELEZA NEGRA, ORGULHO CRESPO: NO CORPO (DES)CONSTRÓI-SE A (IN)DIFERENÇA, O ESTIGMA. Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 463-476, Mai.-Ago. 2016.

BUCCI, Eugênio. Sobre Ética e Imprensa. Companhia das Letras, 2004.

OLIVEIRA, Fatima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. Estudos Avançados, 18 (50), 2004.

RÜDIGER, Francisco. As Teorias da Comunicação. Penso, 1ª edição, 2010.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. Para ler O Pato Donald: Comunicação de Massa e Colonialismo. Paz e Terra, 2011.

OBSERVADOR. Maui: o próximo herói da Disney é gordo. E as críticas ganharam volume. Cultura. 2016. Disponível em: <<https://observador.pt/2016/06/27/maui-o-proximo-heroi-da-disney-e-gordo-e-as-criticas-ganharam-volume/>>. Acesso em: 20/08/20.

MARCOCCI, Giuseppe. Escravos ameríndios e negros africanos: uma história conectada. Teorias e modelos de discriminação no império português (ca. 1450-1650). Tempo [online]. 2011, vol.16, n.30, pp.41-70.

LUDOVICO, Thalita.S.R. Mulher Preta e a intelectualidade “A síndrome da nega metida”. XX REDOR. 2018